



O Harold

ANTIGAMENTE tōda a gente julgava que o cavalo da Praça nova servia apenas para sustentar o sr. D. Pedro, naquela Praça que é tanto da Liberdade, que até dá licença para se venderem vasos... de noite.

Hoje não! Hoje tōda a gente sabe que o célebre cavalo, que não tinha chamadouro algum, passou a ser denominado o Pegazo depois que os livreiros desataram a vender o seu peixe à sua sombra amiga.

A feira prōpriamente dita

Pelas contas da MARIA RITA a feira do livro, devia ser uma feira mesmo, como foi no seu primeiro ano, com tōdas as suas características de pregões, de berros, de reclamos aparatosos, e com um pouquinho de aldrabice, que, quando não desse outros resultados de melhor espécie, daria ao menos o enorme resultado de obrigar os compradores de pechinchas a esportularem alguns cobres que de outra forma não veriam a luz do dia.

Mas a coisa tem refinado de ano



O Estica



Pat e Patachon da CIVILIZAÇÃO

A DO LIVRO

Livreiros. Os Livros. O Público rognósticos. Resultados

Fala o Moreira, da Livraria cuja.

Fala, é um modo de dizer, porque o Moreira quási nunca fala. Limitou-se, ao ver-nos, a encolher os ombros e a fazer com a cabeça um gesto que queria dizer mais do que um dicionário em grande escala.

Em compensação o

Pinto, da A. Figueirinhas,

abriu as válvulas da erudição:

— Isto, êste ano, está palhete... O meu sócio é que é um maduro carregado. Eu bem lhe dizia que o público ainda está verde para certas dês. Mas êle teimou, e eu como sou generoso sempre vim. Afinal quem bebia do fino era eu.

Tem a vez o

Domingos Barreira

que encontramos me-

tido na sua magnífica *Torrinha* de marfim.

— Ai, meu amigo! Como isto está!!... O Público não pára, não entra, não compra. Nem os livros do célebre escritor *Arsene Lupin* que eu reclamo ali à porta.

Nada! Nada! Mas não paro com as obras, isso nunca. Nem as que vendo na livraria, nem as que ando a fazer na Avenida da Boavista.

Ouçamos agora o marido da filha do Moreira da Costa...

— O' Elisa: diz aqui a estes senhores as minhas impressões da feira do livro. E' que eu não conheço os preços dos livros e por isso não posso dizer nada.

E como a sr.^a D. Elisa demorasse, deixamos o grande Herculano e fomos bater à porta do sr.

Raul Lelo,

o livreiro norte-sul, para recolhermos as suas impressões.

Disse sua Excelência:

— Cortaram-me tudo. Primeiro o café, depois o leite, em seguida o chá-zinho com torradas e por último queriam cortar-me a coisa, a roleta, o premio-zinho. E' o cortas. Só contemporizei com as bolas e vamos andando. Este ano são envelopezinhos e a roleta parece uma hélice de avião. Isto vai, isto vai, graças ao lá de cima!...

Saimos com a certeza de que era graças ao cavalo que aquilo ia andando e fomos encontrar-nos com o

Manuel Pereira, da Progredior

Eu sou da terra de um cunhado dêle; por isso recebeu-me de braços abertos:

— Aqui não se dá nada, meu amigo. Também se não vende, graças a Deus, mas ao menos estão ali nos lotes. Ainda tinha fé com a companhia Tró-ló-ló para vender alguns livros brasileiros; afinal foi mais um sonho, porque êles, como actores que são, lêem muito pouco. Mas isto lá para o fim há de mudar. No Domingo distribuo balões às crianças.

Fartos de ouvir tanta desanimação, encontramos-nos no Stand do



O Bucha

Fernando Machado

o célebre toureiro de sempre que mete ferros especiais em tōdas as encarnações com mais de vinte primaveras.

— Isto está uma feirona! Abençoado Luís de Camões que se lembrou de frigar os miolos em 1580! Fiz dêles uma belíssima omelete que vendi por 20 contos! Isto vai, isto vai. Só tenho pena que não houvesse escritores de talento nos meados do século treze! Já me tenho pôsto a fazer contas de quanto valeria um exemplar.

Felizmente que foi êste o último dos nossos entrevistados. Se não, viríamos para casa a julgar que todos os *Stand*s, êste ano, não passavam de stand... eretes.



O Charlot